

Notícias Da Guerra: Mídia, Informação E Desinformação

War News: Media, Information And Misinformation

*Sônia Campaner Miguel Ferrari**

RESUMO

O que é a guerra? Considerada por Freud como uma espécie de falência momentânea do contrato que cria a sociedade civil e as bases da civilização, ela foi novamente tema de reflexões por estudiosos do mundo inteiro quando os Estados Unidos invadiram o Iraque sob o pretexto de que o país estava desenvolvendo armas de destruição em massa. Buscamos refletir sobre essas motivações e sobre o modo como as notícias foram veiculadas pela grande imprensa.

PALAVRAS-CHAVE: Guerra; Política; Comunicação; Sociedade do espetáculo.

ABSTRACT

What is war? Considered by Freud as a kind of momentary failure of the social contract that creates civil society and the foundations of civilization, it was again the subject of reflections by worldwide scholars when the United States invaded Iraq under the pretext that the country was developing weapons of mass destruction. We reflect on these motivations and on how the news were transmitted by the media.

KEYWORDS : War; Politics; Communication; Society of the spectacle.

* Doutora em Filosofia pela Universidade Estadual de Campinas (2000). Professora assistente doutora do Departamento de Filosofia da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. soniacampaner@uol.com.br

Em um ensaio escrito em 1915, intitulado “Considerações atuais sobre a guerra e a morte”¹, Freud nos apresenta as reflexões de um intelectual europeu decepcionado diante do espetáculo que se descortina à sua frente. Do ponto de vista de um intelectual culto, Freud nos descreve o processo civilizatório “como a renúncia das formas primitivas de satisfação dos instintos” e a guerra como a “derrocada da renúncia e da repressão sobre as quais se fundamenta a civilização”. O Estado de guerra seria um regressão a um estágio anterior, não superado, mas ultrapassado, da vida anímica humana.

Sua decepção, e a de outros homens civilizados e educados como ele, resulta na verdade do fim de uma ilusão: a ilusão de que o processo civilizatório pode de fato transformar o homem, torná-lo bom. No entanto, diz Freud, tornar o homem bom não é erradicar o mal, pois o que a civilização considera “o mal” encontra-se nos impulsos instintivos de natureza elementar que, segundo Freud, não são bons nem maus.

Freud compara Estados e indivíduos, de modo a estabelecer que as relações entre indivíduos sob um Estado, ou dos Estados entre si, é regulada por normas que significam a inibição daqueles impulsos primitivos, e o seu direcionamento a outros fins. Isto é, impulsos eróticos que visam à satisfação egoística unem-se para transformar-se em instintos sociais. No entanto, “uma parte da vida instintiva permanece não transformada”(FREUD, 1981: p. 2106).

Na verdade, não sabemos até onde, e se, um homem foi transformado pela educação. Não é possível determinar os motivos pelos quais

I In Obras Completas. Madrid: Biblioteca Nueva, 1981, vol.

ele age com vistas a um bem: por interesse, coação, ou porque está de fato transformado.

Freud nos diz então que esse aspecto não transformado da vida instintiva - ao lado do fato de que a educação inibe, mas não faz desaparecer os instintos - esse lado instintual, profundo e obscuro permanece no limbo, e que o homem civilizado se distancia cada vez mais dessa disposição, que tende a manifestar-se em “deformações do caráter e na disposição constante desses instintos para abrirem-se para a satisfação”. A civilização é, por isso, hipócrita, pois fecha seus olhos a essa “verdade psicológica”.

Se a guerra é o momento em que tais disposições instintuais vêm à tona sem que o homem tenha, muitas vezes, consciência do que isso significa (suas disposições instintuais podem ser usadas para despertar emoções represadas) ou de que essa disposição anímica faz parte de si, ela é um momento revelador dessa faceta humana individual.

Presenciamos, nos últimos anos², o desenrolar de algumas guerras. A primeira a que fazemos referência aqui, e sobre a qual vamos centrar nossa discussão, é a guerra do Iraque³. A cobertura jornalística e da mídia televisiva revela-nos não só como não reconhecemos em nós aquilo que imputamos a outras nações, assim como também não reconhecemos

2 Este texto foi escrito sob o impacto da declaração de guerra dos Estados Unidos ao Iraque. O material consultado para referir-me ao evento foi tirado das notícias dos jornais da época.

3 Conflito que começou a 20 de Março de 2003 com a invasão do Iraque, por uma coalizão militar multinacional liderada pelos Estados Unidos. Formalmente, foi encerrado a 15 de dezembro de 2011. O principal motivo para a guerra oferecido pelo ex-presidente norte-americano George W. Bush, pelo ex-primeiro-ministro britânico Tony Blair, e os seus apoiantes foi de que o Iraque estava desenvolvendo armas de destruição maciça, as quais, argumentava-se, ameaçavam a segurança mundial

o confisco a nossa capacidade de perceber que significou o surgimento de uma instituição como a mídia. As reportagens e entrevistas deixam em aberto não só os aspectos profundos da vida anímica de que fala Freud, como revelam mais ainda sobre nós.

Tais aspectos profundos no entanto não dizem respeito somente ao indivíduo, mas à própria sociedade em que vivemos. O que quero dizer aqui é que o momento da guerra é propício para que façamos uma reflexão que não diz respeito somente ao momento da guerra em si. Esse acontecimento acaba por ser exemplar: ele desvela sob fatos costumeiros algo sobre o que não nos damos conta. Aspectos que fazem parte de nosso cotidiano, e que quando se mostram aumentados, ou sob evidência no momento da guerra, os consideramos absurdos, despropositados, sem nos darmos conta de que os vivemos quotidianamente.

Levantemos, primeiramente, alguns aspectos concernentes à guerra, que nos servirão de ponto de partida. Tudo o que será dito aqui tem como fonte a mídia televisiva e impressa, seja análises e comentários sobre acontecimentos relativos à guerra, como informações, aparentemente isentas.

À época do início do conflito, por volta agosto ou setembro de 2003, ouvimos a afirmação do diretor de cinema Michael Moore ao receber o Oscar de que se tratava de uma guerra fictícia, iniciada por um presidente fictício. De fato, os motivos dessa guerra nunca ficaram, e nem ficarão, imagino, claros: George W. Bush, então presidente dos EUA afirmou desde o início que declarou guerra contra o Iraque, porque esse país

teria um grande arsenal de armas de destruição em massa, principalmente armas químicas e biológicas. No entanto, sabemos que o Iraque sofreu durante dez anos embargo comercial, e que antes do início da guerra o Iraque foi inspecionada pela ONU, que não encontrou as tais armas que sabemos hoje não existiam. Segundo Hans Blix, o presidente da Comissão de Verificação e Suspensão da ONU, o tema da proliferação de armas está em questão desde os anos 60, quando da crise dos mísseis de Cuba. Outros episódios (o ataque de Israel a um reator iraniano em 1981, o ataque americano a um complexo químico da Líbia mais recente, e ataques coordenados de Clinton ao Sudão) comprovariam isso para Blix. O 11/09 teria mudado esse eixo: não se trata mais de uma incursão com um objetivo central, mas de luta contra o terrorismo. Bem, a luta contra o terrorismo seria um segundo motivo para a guerra. A bordo do porta-aviões Abraham Lincoln, em pronunciamento feito no dia 01/05/2013, Bush disse que os terroristas declararam guerra aos Estados Unidos, e “foi isso que eles receberam em troca: guerra”. No entanto, também não há provas das ligações de Saddam Hussein com organizações terroristas. Além do fato de que a guerra foi realizada em solo iraquiano, e envolveu a população civil que, ao que nos consta, não é terrorista. Os chamados “danos colaterais” não foram poucos. Cidades com seus mercados, praças, ruas, foram bombardeadas. A guerra contra o Iraque teria sido um segundo momento da luta contra o terrorismo, sendo que o primeiro momento foi o ataque ao Afeganistão?

Outros dois motivos são levantados por analistas: a idéia dos

liberais americanos de que é possível implantar uma democracia no Iraque por meio do exercício da força, (o que de fato parece ser uma das motivações dos americanos, visto que esperavam que os iraquianos os recebessem de abraços abertos, como salvadores – este talvez tenha sido o motivo difundido entre os soldados), o que se constitui numa aplicação, sobre o Oriente, da violência organizada do Ocidente, além da possibilidade da administração do petróleo iraquiano. Quanto ao primeiro motivo, os americanos neoconservadores encarariam a invasão do Iraque como um processo civilizatório. O que nos coloca diante da seguinte consideração: o Oriente é atrasado política, social e economicamente. Faz parte da tarefa do Ocidente civilizá-lo, isto é, educá-lo instituindo um regime político que favoreça o uso da razão em oposição ao domínio dos instintos.

Mas o que seria de uma guerra que, em tendo como motivos os acima citados, e em ocorrendo numa época em que é possível assisti-la ao vivo, mostrasse cenas chocantes de pessoas sendo mortas e despedaçadas pelos mísseis daqueles que ali estão para procurar as “tais armas” de destruição em massa? E se tais imagens fossem de fato transmitidas pelos grandes canais, não estariam os anunciantes associados a tais imagens, e com isso não perderiam vendas com essa associação? A informação sobre a guerra é assim como todos os outros programas, tratada como um produto, uma mercadoria qualquer que não pode ficar na prateleira. É melhor vender a imagem dos soldados distribuindo ajuda humanitária.

Ao lado das imagens enviadas pelos jornalistas “plantados”, das imagens das grandes empresas de TV americanas e européias, que, mesmo

que procurando fazer um trabalho de informação honesto esbarram nessas limitações, as TV's árabes procuraram mostrar a guerra do ponto de vista dos atacados, ou invadidos. Essas TV's estabeleceram com as outras, assim como o regime de Saddam com o de Bush, uma guerra de informação e desinformação.

Em vários momentos presenciamos através da mídia o desencontro de dados sobre o que “de fato” estava acontecendo na frente de batalha. Esta é uma segunda dúvida que temos, sendo que a primeira é sobre os motivos. Cidades que já tinham caído, segundo os americanos, mas que ainda resistiam. O aeroporto de Bagdá já tomado pelos americanos, mas ainda apresentando resistência de forças iraquianas. Os americanos às portas de Bagdá, e Al Sahaf dizendo que eles nunca conseguiriam entrar na cidade, bastante protegida, o que também se configurou como uma mentira. Essa guerra que disputa a opinião pública mundial, que disputa os “corações e mentes” dos americanos e do mundo é uma frente importante de batalha. Segundo Demétrio Magnoli no Vietnã a mídia difundiu a verdade e ajudou a derrotar os EUA. A guerra da informação é também uma batalha a ser vencida. Controlar as notícias a serem veiculadas na mídia global ajudaria a evitar a possível derrota, por exemplo, em Bagdá. Seria só isso? Não sabiam os americanos que sua superioridade em relação aos iraquianos era grande? Talvez não soubessem que era tão desproporcional a relação de forças, mas sabiam que os iraquianos não tinham assim tantas armas. Afinal, eles os desarmaram. Mas a guerra da mídia não para aí.

Eduardo Galeano nos diz como intervenções no Oriente para garantir o acesso ao petróleo, desde 1953, foram justificadas como lutas pela democracia – no Irã, na Indonésia. E que, além disso, nem tudo o que acontece recebe publicidade. Durante a “guerra” do Iraque conflitos entre etnias num país africano mataram quase mil pessoas, e no entanto, receberam apenas pequena nota ao pé da página dos jornais. O que é veiculado pela mídia é escolhido para ter publicidade de modo que possa ter a recepção esperada da opinião pública.

Estas considerações devem nos fazer pensar tanto sobre a pretensão de verdade da cobertura televisiva e da mídia impressa, e mais ainda sobre o que sustenta essa “hipocrisia”, que não é só característica da mídia, mas de uma sociedade que se funda sobre a possibilidade de substituir a verdade pela ilusão. O que queremos esconder?

Sei que o que digo aqui é uma provocação, mas uma provocação que faço daquilo que me provoca. Se as coisas são mesmo assim, podemos dizer que a ordem política em que vivemos é um teatro onde palavras como ordem, lei, soberania, democracia, justiça, direitos humanos têm sentidos equívocos; são como camaleões que se adequam ao contexto, ou pior, aos interesses de quem as profere. A mídia representa um papel importante nessa nossa “tragicomédia” diária. Ao coloca-la diante de uma lente de aumento, podemos ver que ela pode nos revelar o que somos por trás das máscaras que usamos nesse imenso palco. E, como dissemos antes, a “guerra”, essa ação violenta de um país poderoso contra outro, de um exército contra um povo desarmado, é um acontecimento propício

para o que temos em mente: ela nos diz pouco de novo sobre as guerras, mas mais sobre um outro tipo de guerra: as lutas culturais, a luta, não mais para dizermos o que pensamos, mas para sabermos o que pensamos

O pensador, filósofo, agitador social, e diretor de cinema morto em 1994, Guy Debord escreveu uma obra teórica intitulada “A sociedade do espetáculo”, em que critica uma sociedade em que a tirania das imagens e a submissão alienante ao império da mídia são fortes o bastante para promover a falsificação geral da vida comum. Cito aqui uma passagem desse livro altamente esclarecedor: “O espetáculo é o discurso ininterrupto que a ordem atual faz a respeito de si mesma, seu monólogo laudatório. É o auto-retrato do poder na época de sua gestão totalitária das condições existência. A aparência fetichista de pura objetividade nas relações espetaculares esconde o seu caráter de relação entre os homens e entre classes: parece que uma segunda natureza domina, com leis fatais, o meio em que vivemos. Mas o espetáculo não é o produto necessário do desenvolvimento técnico, visto como desenvolvimento natural. Ao contrário, a sociedade do espetáculo é a forma que escolhe seu próprio conteúdo técnico. Se o espetáculo, tomado sob o aspecto restrito dos “meios de comunicação de massa”, que são sua manifestação superficial mais esmagadora, dá a impressão de invadir a sociedade como simples instrumentação, tal instrumentação nada tem de neutra: ela convém ao automovimento total da sociedade. Se as necessidades sociais da época na qual se desenvolvem essas técnicas só podem encontrar satisfação com sua mediação, se a administração dessa sociedade e qualquer contato entre os homens só se

podem exercer por intermédio dessa força de comunicação instantânea, é porque essa “comunicação” é essencialmente unilateral; sua concentração equívale a acumular nas mãos da administração do sistema os meios que lhe permitem prosseguir nessa precisa administração. A cisão generalizada do espetáculo é inseparável do Estado moderno, isto é, da forma geral da cisão na sociedade, produto da divisão do trabalho social e órgão da dominação de classe.”(DEBORD: 1997, p.20-21).

A guerra tornou evidente uma característica dessa “sociedade do espetáculo” sobre a qual já nos falava Debord em 1967: ela tornou evidente o confisco da capacidade humana de se comunicar. Sentamo-nos diante da TV, emudecidos, enquanto a seqüência ininterrupta de imagens parece-nos contar, ou transmitir a cena real do está acontecendo do outro lado do planeta ou da rua. Uma câmera plantada sobre um edifício transmitiu ininterruptamente imagens da cidade de Bagdá em tempo real. Lemos nos jornais relatos descontraídos do que ocorria para além dos olhares congelados das câmeras das emissoras de TV. De que nos damos conta então? De que aquilo que estamos acostumados a assistir não é outra coisa que a falsificação que se apresenta como verdade. E embora essa falsificação seja muitas vezes óbvia, ela adquire a legitimação do sistema mundial da mídia. Como distinguir, se é que é possível, e se é que é disso que se trata, a falsificação daquilo que não o é? Trata-se disso, ou trata-se de colocar em cheque o próprio meio através do qual as imagens e relatos chegam até nós? Sabemos o quão é difícil alcançarmos aquilo que filósofos por tantos séculos procuraram, e até já renunciamos a essa busca, no entanto isso não

significa que possamos usar essa dificuldade para falsificar, para iludir e nos iludirmos.

A sociedade do espetáculo é a sociedade que confisca nosso poder de comunicar, que expropria a natureza comunicativa e lingüística dos seres humanos, do logos presente em todas as coisas de que falava Heráclito. A política de hoje se exerce de forma a expropriar-nos de forma extrema dessa capacidade. Demos a ela um poder de exercer-se à nossa revelia, e nos calamos diante da possibilidade de simplesmente dizermos o que é o nosso Bom comum⁴.

Referências Bibliográficas

FREUD, “Considerações atuais sobre a guerra e a morte”, in Obras Completas. Madrid: Biblioteca Nueva, 1981,

DEBORD, G., A sociedade do espetáculo, Rio de Janeiro, Contraponto, 1997

AGAMBEN, G. Means without end; notes on politics, Minneapolis, London; University of Minnesota Press, 2000.

⁴ cf. Giorgio Agamben, Means without end; notes on politics, Minneapolis, London; University of Minnesota Press, 2000, pp. 80-82.